

Práticas de investigação colaborativa nas margens urbanas. O Caso da Chicala, Luanda

Paulo Moreira^a

Resumo

Os bairros ditos informais têm merecido pouca atenção no campo do ensino e da prática da arquitetura. Este artigo reflete sobre a metodologia colaborativa seguida numa investigação de doutoramento que aborda a complexidade da cidade pós-colonial e toma como estudo de caso o bairro da Chicala, em Luanda. Num período em que as estratégias oficiais de renovação urbana, em Luanda, impedem a consolidação adequada dos musseques, a pesquisa pretendeu sublinhar o seu papel no desenvolvimento da cidade. O artigo relata a abordagem colaborativa seguida na reconstituição da história da Chicala.

Palavra-Chave

Metodologia colaborativa, Musseque, Chicala, Luanda

Abstract

Informal neighbourhoods have received little attention in architectural teaching and practice. This article reflects on the collaborative methodology employed in research on the complexity of the post-colonial city, through the study of the neighbourhood of Chicala, in Luanda. In a period in which official regeneration strategies are obstructing the consolidation of informal neighbourhoods, the paper focuses particularly on the contribution of informality to the history and urban development of the capital of Angola. The article describes the collaborative approach used in the reconstitution of Chicala's history.

Keywords

Collaborative methodology, Musseque, Chicala, Luanda.

Introdução

Os bairros ditos informais têm merecido pouca atenção no campo do ensino e da prática da arquitetura. Tratando-se de uma área urbana em expansão, a sua abordagem parece ainda sofrer de uma excessiva generalização, que tende a ignorar as condições específicas de cada lugar (geográficas, espaciais, culturais). Este texto procura refletir sobre a metodologia e a prática de investigação aplicada numa investigação de doutoramento recentemente terminada, incidindo sobre a complexidade da cidade pós-colonial¹, através do estudo de caso no bairro da Chicala, em Luanda. Num período em que as estratégias oficiais de renovação urbana, em Luanda, impedem a consolidação adequada dos musseques, a pesquisa pretendeu sublinhar o seu papel no desenvolvimento da cidade.

O artigo relata a abordagem colaborativa seguida na reconstituição da história da Chicala. Quando iniciei esta pesquisa, a destruição da

Chicala estava iminente. Sabendo que o bairro seria provavelmente foco de tensões e conflitos, comecei a delinear um conjunto de ações que permitissem reconstituir a história local. Neste artigo, contextualizo e apresento alguns dos métodos utilizadas na investigação.

Notas sobre a investigação colaborativa

A pesquisa foi orientada menos para a “subjetividade” do que para o “contexto” (Heidegger, 1962). Procurou-se compreender uma parte de cidade, onde a arquitetura assume um papel primordial, tendo subjacente a noção de ‘hermenêutica’ de Hans-Georg Gadamer (1981), ou seja, a capacidade de explicar, interpretar, ou simplesmente a “arte de compreender” (*id.*, p. 113). Considerando-se a prática uma forma de conhecimento, procurou-se uma hermenêutica da prática.

^a Doutor Arquitecto, investigador na The Cass School of Architecture, London Metropolitan University. Distinguido com: o Noel Hill Travel Award em 2009 (American Institute of Architects – UK Chapter), o Prize for Social Entrepreneurship em 2009 (The Cass, London Metropolitan University) e o prémio Fernando Távora em 2012 (Ordem dos Arquitectos, Secção Regional do Norte). Desde 2013, é co-coordenador do projeto de investigação Observatório da Chicala, sediado no Departamento de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto. Colaborador do Grupo de Estudos Gestual (CIAUD/FA-UL). Email: mail@paulomoreira.net. www.paulomoreira.net.

¹ O título original da tese é: *‘This Neighbourhood is an Endangered Species’: Investigating urban conflict and reciprocity between Chicala and Luanda, Angola.*

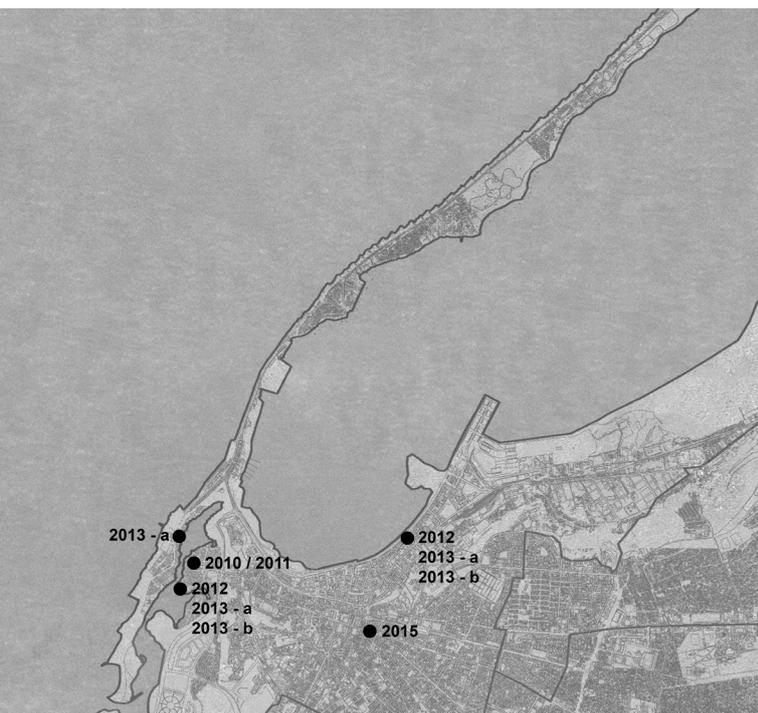


Imagem 1 - Planta de Luanda com localização das casas onde vivi na cidade, durante as viagens de investigação, entre a Chicala e o centro da cidade

Fonte: autor, 2015

Com base neste posicionamento teórico, estabeleceu-se um olhar interativo entre as experiências da espacialidade em Luanda e os discursos de especialistas da economia, política, sociologia (entre outros), sem que a arquitetura se reduzisse a um mero ‘conceito’. Esta abordagem determinou “um grau muito menor de clareza e rigor do que aquele alcançado pelos métodos das ciências naturais” (*id.*, p.109-110), ou seja, a pesquisa desenvolveu-se com as incertezas inerentes ao intercâmbio humano.

O objetivo da metodologia seguida era fomentar o trabalho colaborativo, aprender em contacto com outros, envolver os participantes nas ações a decorrer. Investigador e equipa tornam-se parte integrante do objeto de estudo, o que requer uma certa dose de espontaneidade e incomensurabilidade (e exige sempre adaptação). Charles Keil refere-se à espontaneidade da investigação como ‘discrepâncias participativas’ (*participatory discrepancies*) (Keil, 1995 [1987], p. 96). Quando os participantes executam as suas tarefas com uma coordenação metronómica, a autonomia individual torna-se desumanizada, mas quando são promovidas interações

entre os participantes (estudantes, residentes, e outros), o seu envolvimento ganha visibilidade. As ‘discrepâncias participativas’ tornam-se parte integrante do trabalho. Podem parecer erráticas, mas a prática da arquitetura não é um mero talento ou competência técnica: envolve solidariedade entre as pessoas. Para esta investigação, as ‘discrepâncias participativas’ são uma ferramenta metodológica, uma fonte de conhecimento, as fundações para um trabalho verdadeiramente colaborativo.

A abordagem metodológica aqui apresentada está alicerçada num discurso que lê a cidade como um território híbrido (Meredith, 2005; Robinson, 2006). A distinção entre ‘formal’ e ‘informal’ não é clara – existe sempre permeabilidade. A heterogeneidade do próprio contexto social e cultural torna relevantes para esta pesquisa os métodos das ciências sociais (Jacobs, 1961; Ingold, 2013).

Apresento nos pontos que se seguem os principais temas que estruturaram a investigação conduzida no bairro da Chicala, apresentadas segundo a sequência temporal seguida: experiência primária; trabalho de campo colaborativo institucionalização do projeto; celebração pública². As ligações e sobreposições estão implícitas.

Experiência Primária

Ao longo da investigação (2010-16), vivi em Luanda por períodos de um ou dois meses, distribuídos por seis viagens (8 meses no total). (Imagem 1) A observação e registo do ambiente construído da cidade, o contacto direto com os hábitos e costumes locais, bem como a interação com pessoas e instituições variadas, contribuíram decisivamente para definir o espectro da investigação. Estas viagens ensinaram-me que adquirir conhecimento é um processo de “deixar-se ir” (Ingold, 2013, p. I). Ou seja, só vivendo no bairro ou, como diz Jane Jacob, “assimilando a linguagem” (1961, p. 323), podemos contribuir para a sua defesa contra “as forças externas que querem destruir a sua vida” (Berman, 1988, p. 323).

Quando se faz trabalho de campo num contexto pós-colonial, o tema da ‘observação passiva’ *versus* ‘envolvimento activo’ é um dilema recorrente. Em Luanda, o primeiro é talvez a atitude mais comum entre os investigadores. Em conversas com vários colegas, ouvia recorrentemente que “quanto menos *eles* souberem em Angola sobre o trabalho de campo, melhor”.

A minha investigação desafia esta abordagem meramente passiva e observacional. Desenvolve-

² A metodologia seguida na tese que sustenta este texto inclui três tópicos mais – ‘pesquisa de arquivo’; ‘métodos de representação interpretativos’ e ‘prática dissidente’ – aqui não abordados por estarem fora do âmbito da revista.

-se e toma forma, tanto através das minhas vivências, como das interações com pessoas. A pesquisa subscree as palavras de Herbert Gans, que disse que “deambulando por um determinado bairro, e vivendo-o como um morador, desenvolve-se uma certa percepção seletiva, na qual o olhar foca-se apenas nos lugares habitados por pessoas” (Gans, 1962, p. 12). O meu envolvimento com a Chicala e a cidade de Luanda levou a uma tentativa constante de repensar os processos convencionais de investigação em arquitetura. As plataformas de envolvimento com pessoas e instituições resultaram, acima de tudo, do entendimento das circunstâncias culturais, políticas e sociais daquele contexto.

O âmbito e os objetivos foram distintos em cada uma das seis viagens. Durante a visita inicial, identifiquei o caso de estudo. A Chicala é um dos bairros ditos informais mais centrais de Luanda: divide-se entre a Ilha (Chicala 1) e o continente (Chicala 2 e 3). A estadia de um mês na Chicala 2 proporcionou a aquisição de familiaridade com o bairro e os seus moradores. A estadia na casa da família Damião, residente na Chicala desde 1986, ensinou-me que o conhecimento é um processo contínuo, que resulta do diálogo e negociação constantes entre o privado e o coletivo. Na viagem inicial foram também estabelecidos vínculos e encontros com várias instituições externas, que visavam apresentar o tema do trabalho em círculos culturais e académicos.

Trabalho de Campo Colaborativo

As experiências iniciais em Luanda foram seguidas por um período de análise, interpretação de resultados e preparação de uma segunda viagem de estudo. De regresso a Luanda em 2011, iniciei uma colaboração com as escolas de arquitetura da Universidade Agostinho Neto (UAN) e da Universidade Lusíada de Angola (ULA). Organizei o “Workshop de Arquitetura Social”, envolvendo vários representantes do tecido social da Chicala: as autoridades locais, que apoiaram o nosso trabalho; os residentes, que consentiram descrever as suas vidas e mostrar-nos as suas casas; e cerca de sessenta estudantes, que criaram empatia com as pessoas e documentaram as suas experiências.

O *workshop* teve quatro fases: sessões de formação nas faculdades (para esclarecimento do tipo de inquéritos e levantamentos que se pretendiam fazer); trabalho de campo conduzido pelos estudantes (divididos em grupos); propostas baseadas nas observações e sugestões da população; exposição e debate na UAN (com representantes dos moradores, diversos especialistas e cobertura pela comunicação social).

No ano seguinte, em 2012, os *workshops* alargaram-se a três escolas de arquitetura.³ De um ano para o outro, o projeto alcançou um maior interesse entre estudantes e docentes em Luanda (Imagem 2). O material produzido nestas oficinas (incidindo sobre as características sociais do bairro, levantamentos fotográfico e arquitetónico, propostas de projeto) forneceu uma grande quantidade de informação. Estas experiências inter-institucionais permitiram testar formas de colaboração entre os vários participantes e apontaram para novos caminhos da pedagogia e investigação em arquitetura. Nesse sentido, aproximaram-se das metodologias propostas por autores como Nabeel Hamdi, que diz que os programas participativos *in situ* podem “mobilizar o interesse da comunidade alargada” e “estabelecer um melhor modo de recolher, analisar e interpretar informação” (Hamdi, 1995, p.81). Nas palavras de Hamdi, cria-se um tipo de conhecimento “menos normativo e estandardizado, menos dependente de es-



Imagem 2 - O “Exploratório Urbano da Chicala”, em 2012, integrou cerca de sessenta estudantes, distribuídos em grupos, divididos geográfica e tematicamente por diferentes zonas do bairro. A atenção centrou-se nos equipamentos coletivos (características do comércio, escolas e lugares de culto). Estes foram complementados com estudos sobre habitação

Fonte: autor, 2015

³ À UAN e ULA, juntou-se a Universidade Metodista de Angola (UMA).



Imagem 3 - A candidatura do Observatório da Chicala foi submetida em Abril de 2012 e aceite em Agosto desse ano. O processo logístico foi posto em marcha e em Fevereiro de 2013, durante a quarta viagem de investigação, este projeto de investigação teve oficialmente início. Fotografia do arquivo físico e da equipa: Mestre Nelito (artesão), Pedro Nembamba (estudante), Paulo Moreira (co-coordenador), Analicia Gonçalves da Silva, Daniel de Freitas e Érica Morgado (estudantes). O arquivo pode ser consultado em www.chicala.org. Foi também publicado o livro *Xikala – História e Urbanidade de um Bairro de Luanda*, UAN: Luanda, 2014

Fonte: Paulino Damião, 2013

tatísticas, sistemas de análise ou precisão científica, [...] em favor de improvisações informadas e maior justiça social, senso comum e igualdade” (Hamdi, 2004, p.xxii).

O trabalho colaborativo desenvolvido nesta investigação não consistiu unicamente em organizar oficinas envolvendo estudantes e residentes. As práticas colaborativas ressoaram também na articulação com, e entre, artesãos locais.⁴ Em todas as circunstâncias, o trabalho colaborativo foi empregue de forma ética, como veículo para o diálogo. A solidariedade que estas práticas fomentaram, com o envolvimento de participantes de dentro e fora da Chicala, parece ter contribuído para uma aproximação entre o bairro e a cidade. Este foi, certamente, um dos maiores contributos do projeto.

Institucionalização do Projeto: O Observatório da Chicala⁵

O Workshop de Arquitetura Social realizado em 2011 resultou numa publicação, “A Chicala não é um bairro pequeno” (Moreira *et al*, 2011). O livro reúne contributos de um grupo de investigadores e profissionais que, de alguma maneira, acompanharam ou contribuíram para o trabalho de campo.⁶

O livro, como instrumento de investigação, foi útil de várias formas. Contribuiu para a formalização das colaborações preliminares com instituições académicas em Luanda e permitiu estreitar as relações com outras instituições e investigadores.⁷ A publicação serviu igualmente como meio de promoção da Chicala e do próprio projeto.

O envolvimento de instituições de Luanda, onde todos os exemplares disponíveis foram rapidamente distribuídos, foi um fator fundamental para o desenvolvimento do projeto, por dois motivos principais: por um lado, as questões que o estudo levanta são raramente abordadas ou discutidas nas escolas de arquitetura (os professores com genuíno interesse neste campo da arquitetura viram neste trabalho uma oportunidade para motivar os seus alunos); por outro lado, a visibilidade crescente do projeto pode ter influenciado o empenho de determinadas instituições em associar-se a ele.

O projeto adquiriu um reconhecimento significativo imediatamente antes da minha terceira viagem de estudo – fui galardoado com o Prémio Távora pela Ordem dos Arquitetos, Seção Regional do Norte. Para além do impacto em Portugal, isto trouxe também um reconhecimento extra em Angola. No decorrer dessa viagem, fui convidado pelo Departamento de Arquitetura da UAN para apresentar uma candidatura aos projetos de investigação da Universidade. O financiamento iria institucionalizar o projeto no seio da Universidade pública, em si mesmo uma garantia de legitimidade em Angola. Este facto permitiu alcançar outra dimensão e garantir mais apoios. Como notou Hamdi, “construir parcerias é [...] o primeiro passo para reforçar as competências institucionais e garantir a continuidade do trabalho assim que os ‘especialistas’ se retirem” (Hamdi, 1995, p.81).

O projeto, baptizado ‘Observatório da Chicala’, iria igualmente assegurar os meios financeiros para a continuação do trabalho, financiando materiais, criando bolsas para estudantes e permitindo a produção de um arquivo, uma exposição

⁴ Por exemplo, construindo o arquivo do Observatório da Chicala com materiais locais (como descrito na seção seguinte deste artigo).

⁵ Ver: www.chicala.org.

⁶ A publicação contém também notas sobre a exposição consequente no Porto, onde foram exibidos os resultados do workshop e onde o livro foi lançado. A primeira edição de autor, de 100 exemplares, foi financiada através de uma plataforma de financiamento coletivo (*crowdfunding*). Em dois meses, o livro esgotou. Foi feita uma segunda edição, de 250 exemplares, financiada por patrocinadores, que está igualmente esgotada. O livro “A Chicala não é um bairro pequeno” está disponível nas bibliotecas da FAUP, FAUL e Escola de Arquitetura – Universidade do Minho, entre outras.

⁷ O livro incluiu, por exemplo, textos das diretoras dos Departamentos de Arquitetura da UAN e da ULA, respetivamente arquiteta Isabel Martins e arquiteta Ângela Mingas.

e uma publicação sobre a história e a cultura urbana da Chicala (Imagem 3). Há uma dimensão do Observatório que vai além do âmbito puramente acadêmico. O projeto é também – ou sobretudo – uma experiência cívica e política, inspirada noutros Observatórios.⁸

Uma vez mais, o interesse que o Observatório despertou entre as instituições de dentro e fora da Chicala apontou para uma relação de reciprocidade entre o bairro e a cidade. Enquanto o bairro era destruído, construíam-se novas relações sobre e em torno daquele lugar.

Celebração Pública

As experiências efetuadas durante a investigação deixaram claro que, quanto mais público e oficial o projeto se tornava, maior diálogo proporcionava, mais possibilidades de pesquisa gerava e mais ‘pontes’ construía. Consequentemente, parte da abordagem metodológica concentrou-se em conferir reconhecimento à Chicala em contextos onde era desconhecida ou não reconhecida, tanto dentro como fora de Luanda. Esta estratégia deu provas de ser um meio de recolha de ideias e perspetivas tão importante como o trabalho de campo propriamente dito.

O projeto foi exaustivamente apresentado em meios académicos e da especialidade. Foram apresentados *papers* em universidades e instituições em Angola, Canadá, Itália, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos da América. Benefícios e contributos significativos surgiram nestes eventos, especialmente devido às reações e contactos que proporcionaram. A presença nos meios académicos nacionais e internacionais estenderam-se a uma variedade de convites e oportunidades que deram vida ao projeto (conferências, exposições, festivais). Estes não foram eventos isolados, cada um informou o projeto de alguma maneira, permitiram perceber qual a atitude dominante relativamente ao tema em estudo. Quanto mais exposto o projeto se tornava, mais elucidativas se revelavam as reações. Tornou-se claro que existe ainda uma aversão generalizada relativamente aos bairros ditos informais de Luanda, sobretudo enraizada na classe alta de urbanitas nesta cidade. Posto isto, cabe ao investigador contribuir para aproximar posturas aparentemente irreconciliáveis. Esta dimensão pública é um dos maiores desafios da investigação e requer tanto experiência no ‘terreno’, como nas altas esferas profissionais e intelectuais.



Imagem 4 - Noite da Chicala, Elinga Teatro, Luanda (7/6/2012). Cerimónia de encerramento do workshop, onde se distribuíram certificados pelos participantes e o bairro foi celebrado através de atividades artísticas e culturais. Durante a cerimónia, os participantes foram homenageados pelo seu trabalho e a cidade convidada a celebrar este bairro através da música, exposições, capoeira e projeção de filmes

Fonte: Paulino Damião, 2012

Em várias ocasiões e em diferentes formatos, os participantes foram publicamente reconhecidos pelo seu papel na investigação. Por exemplo, a ‘Noite da Chicala’ foi a cerimónia pública de encerramento das atividades em Luanda em 2012, num dos polos culturais mais relevantes na cidade, o Elinga Teatro (Imagem 4). O nível de interesse que o evento gerou (assistência superior a 500 pessoas), demonstrou mais uma vez que a relação entre o bairro e a cidade pode ser mais estreita do que somos levados a crer. Esta comemoração, reminiscência daquilo a que Henri Lefebvre (1968) chama *fête*⁹, pode ser vista como um ‘dispositivo’ que exemplifica como os arquitetos e investigadores podem contribuir para consolidar a memória coletiva de um lugar.

Vista por vezes como um ‘efeito colateral’ do trabalho, na verdade a visibilidade pública fez parte de uma estratégia consciente de resistência, de conferir reconhecimento à Chicala e ao tema da investigação. Mais uma vez, ao gerar interesse público, ao mobilizar a sociedade e a comunicação social em torno do tema, criávamos um veículo de ligação entre o bairro e o mundo exterior (e vice-versa).

⁸ Uma exploração dos Observatórios que inspiraram este trabalho requereria um volume de texto muito mais extenso. No livro *Radical Cities*, de Justin McGuirk (2014), são apresentados diversos casos relevantes, em particular nas Américas.

⁹ Henri Lefebvre usa o termo *fête* com regularidade nos seus escritos (Elden *et. al.*, 2003, p.273). *Fête* é uma festividade relacionada com a reapropriação da cidade, habitualmente espontânea e de cariz revolucionário, interligando características formais e informais.

Conclusão

No estudo de um assentamento urbano dito informal há sempre uma disputa entre participação direta e a reclamada distância objetiva. Pode considerar-se que os métodos utilizados neste trabalho diferem dos mais frequentemente adotados por investigadores que trabalham em (ou sobre) Angola. Em geral, o trabalho de campo privilegia abordagens mais ‘passivas’, baseadas na observação em detrimento da participação. Aqui, adotou-se uma abordagem mista e a colaboração surgiu como a resposta natural. No contexto de Luanda, pelo menos, esta parece ter sido uma estratégia de investigação inovadora.

Há certamente outros métodos que suportam uma investigação colaborativa, para além daqueles apresentados aqui. Relataram-se alguns dos aspetos que direcionaram o meu trabalho em concreto. Mas não há uma fórmula mágica: nas experiências descritas, parece apropriado concluir que a promiscuidade de métodos é o rumo certo para captar a diversidade e complexidade do fenómeno urbano em questão. Essa é a base para uma investigação verdadeiramente colaborativa. Exige, como em qualquer tipo de colaboração, uma grande dose de adaptação ao contexto e a procura constante de um equilíbrio entre sociabilidade e conflito.

Uma interpretação exaustiva das implicações metodológicas da investigação colaborativa que aqui apresentei exigiria mais minuciosidade. Espera-se que estes temas inspirem a formulação de outros trabalhos e sirvam de complemento aos métodos convencionais da prática e investigação nas margens urbanas.

Referências bibliográficas

- Berman, Marshall (2010 [1982]), *All That is Solid Melts Into Air*, Londres e Nova Iorque: Verso.
- Carl, Peter (2012), “Praxis: Horizons of Involvement”, em D. Chipperfield, K. Long e S. Bose, *Common Ground: A Critical Reader*, Veneza: Marsilio Editori, pp.67-81.
- Elden, Stuart; Lebas, Elizabeth; Kofman Eleonore (2003), “Henri Lefebvre: key writings”, Nova Iorque e Londres: Continuum.
- Gans, Herbert J. (1962), *The Urban Villagers: Group and Class in the Life of Italian-Americans*, Nova Iorque: The Free Press.
- Gans, Herbert J. (1995), *The War Against the Poor: the Underclass and Antipoverty Policy*, Nova Iorque: Basic Books.

- Hamdi, Nabeel (1995), *Housing Without Houses: Participation, Flexibility, Enablement*, London: Intermediate Technology.
- Hamdi, Nabeel (2004), *Small Change: About the art of practice and the limits of planning in cities*, Londres: Earthscan.
- Heidegger, Martin (1996 [1962]), *Being and Time*, Nova Iorque: University of New York Press.
- Ingold, Tim (2013), *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*, Londres: Routledge.
- Jacobs, Jane (1993 [1961]), *The Death and Life of Great American Cities*, Nova Iorque: Random House.
- Keil, Charles (1995), “A progress report”, em *The Theory of Participatory Discrepancies*, Ethnomusicology: University of Illinois Press, pp. 1-19.
- Lefebvre, Henri (1968), *Le droit à la ville*, Paris: Anthropos.
- McGuirk, Justin (2014), *Radical cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*, Londres/Nova Iorque: Verso.
- Mearleau-Ponty, Maurice (1962), *Phenomenology of Perception*, Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Meredith, Martin (2005), *The State of Africa: A History of Fifty Years of Independence*, Londres: The Free Press.
- Robinson, Jennifer (2006), *Ordinary Cities: Between Modernity and Development*, Nova Iorque: Routledge.
- Vesely, Dalibor (2004), *Architecture in the Age of Divided Representation*, Cambridge: MIT Press.